

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017

GT-3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

O BIBLIOTECÁRIO COMO MEDIADOR CULTURAL

Celly de Brito Lima (Universidade Federal de Pernambuco – UFPE)

Edmir Perrotti (Universidade de São Paulo – USP)

THE LIBRARIAN AS A CULTURAL MEDIATOR

Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

Resumo: Apresenta tese de doutorado que interrogou a formação do Bibliotecário como mediador cultural no Brasil. A pesquisa bibliográfica e documental concluiu que nas normas, diretrizes e nos documentos orientadores o bibliotecário não é colocado de forma clara como um mediador cultural e considera que o desafio que precede todos os outros, para a formação do bibliotecário como mediador cultural, é o de refletir, discutir, teorizar e explicitar os conceitos em torno da mediação cultural e da formação, superando a visão dualista (tecnicismo x humanismo, técnica x prática, fazer x pensar).

Palavras-chave: Mediação Cultural; Mediador cultural; Formação do bibliotecário.

Abstract: This article presents a doctoral thesis that interrogated the formation of the Librarian as cultural mediator in Brazil. The bibliographical and documentary research concluded that in norms, guidelines and guiding documents the librarian is not clearly placed as a cultural mediator and considers that the challenge that precedes all others, for the formation of the librarian as a cultural mediator, is that of To reflect, to discuss, to theorize and to explain the concepts around cultural mediation and formation, surpassing the dualistic view (technicalism x humanism, technique x practice, doing x thinking).

Keywords: Cultural Mediation; Cultural Mediator; Librarian Formation

1 INTRODUÇÃO

Partimos de uma inquietação com a forma simplificada que a mediação cultural vem sendo tratada na formação do bibliotecário, resumida nessa possível oração - “Tudo é mediação no fazer do bibliotecário. Medeia quando organiza, dá acesso e gerencia informação, acervos ou bibliotecas. Já sabemos o que é um mediador!”. Podemos acrescentar: sabemos?

A mediação cultural – termo mais amplo que em nosso entendimento engloba a mediação da informação, por ser a informação um objeto cultural - requer do mediador competências e atitudes de um negociador cultural, para atuar como tal junto a outros protagonistas, com conhecimentos interdisciplinares e consciência de sua função social. Esse é o bibliotecário?

Compreendendo que pensar a mediação cultural em contextos heterogêneos é pensar em ambientes marcados por tensões e conflitos, não apenas marcados por interesses comuns, nesse sentido, é preciso definir a mediação cultural e discutir a formação do Bibliotecário. No entanto, não partindo de um desejo de consenso sobre currículos e disciplinas adequadas à necessidade de formação, mas, sobretudo, da preocupação ao atendimento das demandas específicas dos ambientes de bibliotecas públicas, da escolar, da “multicultural”, da especializada, da comunitária, dentre outras, já que indagamos as competências para planejar e desenvolver programas para o “diálogo intercultural”.

As dificuldades a serem enfrentadas pelo mediador, esse negociador cultural, exigem, portanto, que em sua formação, especialmente, sejam problematizados conceitos como multiculturalismo e interculturalidade, além da teorização da mediação cultural.

Inclusive, somos levados a problematizar o adjetivo “multicultural”, usado para adjetivar a biblioteca, uma vez que os conceitos de interculturalidade ou entreculturalidade é que nos aproxima da realidade de um mediador cultural que precisa atuar como negociador cultural para o “diálogo intercultural”.

Portanto, partindo do pressuposto de que o bibliotecário é um mediador cultural - serve à sociedade quando foca suas atividades na demanda por apropriação cultural, levantamos a hipótese de que a mediação cultural, intrínseca à profissão de bibliotecário, é tratada de forma insuficiente e confusa em normas, diretrizes e orientações para a sua formação.

Sendo assim, interrogamos a formação, no país, do bibliotecário entendido como mediador cultural e oferecemos referências capazes de apontar perspectivas de superação de desafios para essa formação comprometida com a apropriação e o protagonismo cultural.

Em tese de doutorado, realizamos pesquisa bibliográfica e também documental. Na pesquisa documental analisamos representações do profissional bibliotecário em normas, diretrizes e documentos orientadores para a formação na área de Biblioteconomia no Brasil. E, também, analisamos apresentações de propostas de cursos de mediação cultural: dois cursos de mestrado e um de graduação na França e dois cursos de especialização e um de graduação no Brasil. Com isso, pretendemos ampliar a discussão sobre a compreensão do que seja a mediação cultural, bem como os caminhos possíveis para a formação de bibliotecário como mediador cultural.

O propósito deste artigo é apresentar os resultados dessa tese e iniciar um diálogo sobre a necessidade de teorizar a mediação cultural na Ciência da Informação, e na Biblioteconomia, bem como sobre o desafio da formação de Bibliotecários como mediadores culturais competentes para a negociação com os protagonistas da cultura - que não apenas reproduzem ou consomem, mas criam e recriam a cultura e seus significados.

2 O FALSO DUALISMO: HUMANISMO OU TÉCNICA

A noção de mediador cultural que tratamos, e do bibliotecário mediador cultural, parte do entendimento de que a mediação cultural é constituída na relação de troca e nas negociações de repertórios culturais, tendo como cenário diferenças e conflitos, não visa prescrição, regulação, assimilação, controle e hegemonia cultural, mas à apropriação e o protagonismo cultural. Tal noção exige que seja desvelado o falso dualismo entre humanismo e técnica.

Em seu estudo, Souza (2009) aponta para a formação em Biblioteconomia no Brasil, na década de 1950, indicando um conservadorismo do currículo das escolas que desconsideravam necessidades e características dos públicos, fossem urbanos e rurais. Situação implicada num currículo carente de subsídios para o estudo do público e "sua humanidade" (SOUZA, 2009).

Além disso, Castro (2000) esclarece na sua obra História da Biblioteconomia Brasileira que, na formação humanística, de influência francesa, que caracterizou o curso da Biblioteca Nacional, havia a disciplina Bibliografia com o conteúdo técnico de catalogação e

classificação, não justificando a “necessidade” de abandono dos aspectos culturais da profissão pelo posterior tecnicismo adotado no Brasil. Ou seja, uma formação humanística não prescinde, obrigatoriamente, das técnicas, tampouco uma formação técnica prescinde de “humanidade”.

Sendo assim, e considerando o bibliotecário um mediador cultural, exige-se uma formação humanística porque a mediação cultural é um ato complexo e está implicada em relações e interações socioculturais e de superação de obstáculos à apropriação cultural. Por outro lado, para que atue como mediador cultural é requerido que o bibliotecário conheça e elabore métodos, técnicas e ferramentas nos contextos culturais, e de “diferenças”, junto aos sujeitos e públicos que se vinculam, com o subsídio de uma formação técnica.

Almeida Júnior (2002) observa que o campo da Ciência da Informação - em que se situa cientificamente a formação em Biblioteconomia -, caminha em direção à subdivisão, enquanto a conjuntura requer aglutinação. O autor explica que isso ocorre, possivelmente, pela tentativa de “treinamento” do profissional para as momentâneas demandas do mercado. Assim, adverte: “[...] essa necessidade de mercado é momentânea, acarretando, tão logo deixe de existir, a inutilidade dos profissionais preparados apenas para atendê-la.” (ALMEIDA JÚNIOR, 2002, p. 136).

Esse autor observa uma crise de profissões não relacionada ao mercado de trabalho, mas resultado da globalização que imputa a necessidade de um profissional com conhecimentos específicos, mas que extrapole os espaços de atuação convencionados, demonstrando consciência da integralidade e do desenvolvimento humano como fim de toda a ação profissional. E, concordamos com o autor que, no caso dos bibliotecários, há também uma perturbação: “O mercado para o bibliotecário só pode ser ocupado por aqueles que são devidamente qualificados. O problema é que não exige competência, mas diploma.” (ALMEIDA JÚNIOR, 2002, p. 134).

Quanto à formação, segundo Almeida Júnior (2002), o espaço de formação universitário irá permitir a confrontação das formas de pensar sobre variados temas, mas, especialmente, os vinculados à formação profissional. No entanto, o autor nos lembra que o “perigo” está nos possíveis conflitos de interesses entre os docentes em relação ao perfil profissional. Consideramos que, certamente, esse cenário tem implicações no currículo, mas concordamos com o autor que, sobretudo, tem implicações no estereótipo do

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP

profissional bibliotecário, pois a existência de concepções estereotipadas da área, pelos egressos das universidades, é, também, “culpa” da formação.

Também concordamos com esse autor quando afirma que há pouco status do “trabalho de mediação da informação”, o que se deve à falta de entendimento da mediação cultural, e, conseqüentemente, da mediação da informação, como algo intrínseco à profissão de bibliotecário em qualquer de suas atividades. Por isso, atentamos para a teorização e concepção da mediação da informação e da cultura na formação do bibliotecário.

Conforme Almeida Júnior (2002, p. 142) pontua, a segmentação das áreas de conhecimento na universidade acaba por alimentar “[...] a ideia de que os estudantes devem apenas se preocupar com a sua formação, como se esta ocorresse tão somente nas carteiras e completamente isolada”. E, portanto, “A partir disso, pode-se tentar explicar os motivos que levam os estudantes a reivindicarem, com frequência, ênfase na ‘prática’. O que significa exatamente essa prática, poucos se atrevem e conseguem explicar.” (ALMEIDA JÚNIOR, 2002, p. 143).

O autor explica que o aluno anseia por capacidades e competências que o mercado requer, mas das quais ele não se vê possuidor. Portanto, aceita como suficiente e passa a exigir disciplinas que o treinem no uso de ferramentas e instrumentos que lhe proporcionem o domínio do “fazer” profissional. No entanto, segundo Almeida Júnior (2002), tendo em vista que as disciplinas curriculares não devem estar isoladas, bem como tomando consciência de que as técnicas e os instrumentos não são neutros, muito menos descontextualizados, é preciso resistir à ideia de uma elevada importância das atividades técnicas. Acrescentamos que as atividades técnicas são tão importantes quanto as relacionais e as de comunicação. Há que se distinguir, contudo, se são concebidas, desenvolvidas e voltadas à apropriação da informação e da cultura ou à mera “assimilação”, termos que Perrotti e Pieruccini (2008, 2014) distinguem e necessitam ser devidamente considerados nos processos de formação.

As discussões levantadas num artigo de Souza (2006), que requisitou autores e pesquisas realizadas no campo científico da Ciência da Informação, convergem para o problema de identidade dos bibliotecários que se perguntam “quem somos”. Para Souza (2006, p. 28):

Esse debate transmite, em várias circunstâncias, duas possíveis ideias: a) o bibliotecário tem uma completa ignorância de que sua imagem profissional é construída na interação social, por um processo de objetivação da realidade, assimilada como valor e então subjetivada e expressa como representação e, portanto, manifestando a percepção social que o próprio bibliotecário tem do valor do papel que exerce na sociedade e b) a sociedade não precisa da presença desse bibliotecário; ele é um impostor.

Para qualquer uma das duas ideias levantadas pelo autor, está em questão a função e responsabilidade social do bibliotecário. Há uma legitimação dada pela sociedade a esse profissional? Essa função mudou no percurso da história e das evoluções tecnológicas? A partir do que são criadas as dificuldades para identificá-la e caracterizá-la?

Técnicas e procedimentos para organizar e disseminar, tanto a informação quanto os demais saberes e produtos culturais, são ferramentas utilizadas para a finalidade de responder à demanda por apropriação e por protagonismo cultural, tendo em vista a construção de espaços que permitam o viver juntos. A técnica é, nesse sentido, avaliada segundo critérios axiológicos e deontológicos, não é uma mera “função”, pois nem sempre o “funcional” é o “moral”.

3 A PESQUISA

Manifestos da IFLA/UNESCO (1994; 1999; 2008) apontam para uma demanda de formação “humanística” do Bibliotecário quando falam de missões-chave e qualificações do profissional da biblioteca, como as de apoiar a autoformação e assegurar meios para que as pessoas “evolam” de forma criativa, bem como fomentar o diálogo intercultural e criar ambientes de produção de informação e de conhecimento, de liberdade intelectual e de fruição. Portanto, criar condições para a apropriação e o protagonismo cultural, tendo em vista a possibilidade de um mundo “comum” partilhado.

Uma unidade de análise, para o desenvolvimento da tese, foi constituída por manifestos da *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA) e Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), além da lei brasileira que regulamenta a profissão de bibliotecário e diretrizes do Ministério da Educação (MEC), e é descrita no Quadro 1.

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP

Quadro 1: Normas, diretrizes e orientações

Documento	Ano	Natureza	Objetivo
Lei nº 4.084/1962.	1962	Norma/Lei	Dispor sobre a profissão de bibliotecário e regular seu exercício.
Diretrizes curriculares para os cursos de Biblioteconomia - Parecer nº 492/2001	2001	Norma/Diretriz	Tratar de diversos processos acerca das Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia remetidas pela SESu/MEC para apreciação da CES/CNE.
Manifesto da IFLA/UNESCO sobre bibliotecas públicas	1994	Orientação/Diretriz	Encorajar as autoridades nacionais e locais a apoiar ativamente e a comprometerem-se no desenvolvimento das bibliotecas públicas; Conclamar todos em todo o mundo, a nível nacional e local, que tem poder de decisão e a comunidade de bibliotecários em geral a implementar os princípios expressos no Manifesto.
Manifesto IFLA/UNESCO da biblioteca escolar	1999	Orientação/Diretriz	Conclamar os governantes de cada país para desenvolver estratégias, políticas e planos de implementação aos princípios do Manifesto, bem como a intensa divulgação do Manifesto, tanto em programas de formação básica como de educação contínua a bibliotecários e professores.
Manifesto IFLA/UNESCO pela biblioteca multicultural	2008	Orientação/Diretriz	Conclamar a comunidade internacional a reconhecer e apoiar serviços bibliotecários e de informação em seu papel de promotores e conservadores da diversidade linguística e cultural; conclamar aos responsáveis de todos os níveis e a comunidade bibliotecária de todo o mundo a difundir o manifesto e levar a cabo os princípios e ações que expressa; complementar o Manifesto IFLA/UNESCO sobre a Biblioteca pública, Manifesto IFLA/UNESCO da biblioteca escolar e o Manifesto sobre Internet da IFLA.

- A Lei nº 4.084

Avança pouco na compreensão do bibliotecário como um mediador cultural que entendemos ser um ator privilegiado dos processos de apropriação e protagonismo cultural. Antes privilegia aspectos que o definem como um controlador que ordena, organiza e fiscaliza por meio de seus conhecimentos técnico-especializados. Ao reconhecer esse profissional, a lei deixa escapar os vínculos dele com a sociedade, o conhecimento e a cultura.

- As Diretrizes curriculares para os cursos de Biblioteconomia

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

Nesse documento, destacamos o que é assinalado *como competência geral do bibliotecário* - atuar na tradução das necessidades de indivíduos, grupos e comunidades à medida que elabora, coordena, executa e avalia planos, programas e projetos convergindo com a visão do bibliotecário como mediador cultural.

Além disso, destacamos a competência específica de: “Interagir e agregar valor nos processos de geração, transferência e uso da informação, em todo e qualquer ambiente”.

No entanto, o entendimento de como o texto reconhece o mediador cultural fica confuso quando encontramos a utilização da problemática expressão “transferência da informação”, que remete à mera passagem ou transmissão de saberes e produtos culturais acabados, prontos para consumo.

- O Manifesto da IFLA/UNESCO sobre bibliotecas públicas

Registra que “O bibliotecário é um intermediário ativo entre os usuários e os recursos disponíveis”. Sendo assim, inferimos que se trata de um mediador cultural. Mas se há o entendimento de que o bibliotecário é por essência um mediador cultural, indagamos se há um equívoco em traduzir a mediação como estratégias de formatação de “serviços”.

- O Manifesto IFLA/UNESCO da biblioteca escolar

Conforme o Manifesto, espera-se que o bibliotecário, “profissional qualificado” para planejar e gerenciar a biblioteca escolar, tenha competência para oferecer as condições e o ambiente de produção de informação e de conhecimento. Entendemos que o documento desenha o bibliotecário como mediador cultural, se considerarmos a discussão desenvolvida no quadro teórico de referência da tese. Todavia, aparece de forma confusa e sob o risco da simplificação.

- O Manifesto IFLA/UNESCO pela biblioteca multicultural

Evidencia a necessidade de que a biblioteca inclua programas de apoio ao diálogo intercultural, à inclusão dos grupos que sofrem marginalização.

No entanto, o documento expressa o entendimento de que há ou haverá uma coexistência harmônica entre culturas e que é nesse contexto que irá atuar o mediador cultural. O documento leva-nos a compreender o bibliotecário como “pacificador cultural”, definição que não cabe na perspectiva da apropriação cultural que reivindica, antes, o papel de “negociador cultural”.

Nesse sentido, o manifesto desconsidera o ambiente de conflito e negociação inevitável, constante e irrevogável das relações que se dão em ambiente intercultural,

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP

conforme Canclini (2009), Corona e Pérez Daniel (2009), Oliveira (2014) e Perrotti e Pieruccini (2014).

Procedimentos, técnicas, modos de fazer e instrumentos só ganham valor em relação aos quadros culturais em que se inserem e às perspectivas que representam. Por isso, é preciso que a formação prepare os profissionais para a “leitura cultural” de seus contextos, a negociação cultural, e para o emprego de suas ferramentas profissionais, pois elas não são neutras, são dispositivos e, enquanto tal carregam intenções, direções, modos de perceber, de representar e de atuar no mundo.

Programas de cursos de Formação em Mediação Cultural, em que pese distinções de várias naturezas, deixam clara a percepção de que a mediação não é apenas uma operação técnico-especializada. Ela é, antes, um ato de interlocução a favor de diálogos culturais, em contextos e situações objetivas que necessitam ser “lidas” adequadamente pelos mediadores. Trata-se, portanto, de ação específica e especializada, envolvendo relações entre sujeitos e culturas, dimensão que implica conhecimentos tanto do primeiro como do segundo termo, além de conhecimentos especializados próprios de seu fazer, envolvendo questões de gestão, implementação e avaliação de projetos culturais. O **Quadro 2** apresenta os cursos selecionados para o desenvolvimento da tese, sua categoria e o país onde é realizado.

Quadro 2: Propostas de cursos em mediação cultural

Curso	Categoria	País
Mestrado em Mediação cultural, patrimônio e digital - Universidade de Paris, Ouest Nanterre La Défense e Universidade de Paris 8 Vincennes Saint-Denis / França	Pós-graduação	França
Mestrado em mediações da cultura e dos patrimônios - Université de Avignon / França	Pós-graduação	França
Licenciatura de mediação cultural: Concepção e implementação de projetos culturais - Université Sourbonne Nouvelle - Paris 3 / França	Graduação	França
Especialização em Mediação em Arte Cultura e Educação - Escola Guignard-UEMG / Brasil	Pós-graduação	Brasil
Especialização em Mediação cultural – UFPE / Brasil	Pós-graduação	Brasil
Bacharelado em Letras – Artes e Mediação Cultural - UNILA / Brasil	Graduação	Brasil

❖ **Mestrado em Mediação cultural, patrimônio e digital - Universidade de Paris Ouest Nanterre La Défense e Universidade de Paris 8 Vincennes Saint-Denis¹**

Apresentação

Os estudantes devem trabalhar no encontro do patrimônio com o digital, familiarizando-se com a diversidade dos métodos, das práticas e dos objetos de estudos que não param de surgir e de se reconfigurar nesta paisagem em constante mudança técnica, estratégica e conceitual. Os estudantes são sistematicamente encorajado(a)s a imaginar e desenvolver novas abordagens profissionais nestas áreas. Eles são convidados a aprofundar as questões relacionadas com:

- *a pesquisa, a coleta, a análise, a gestão e a disseminação de informações: a partir de fontes multimídias; de documentos de arquivos de todo tipo;*
- *a análise e a implementação social de imagens e estruturas visuais de todo tipo, principalmente no campo da criação artística: processo de produção artística; obras em sua materialidade (incluindo aquelas resultantes de novas tecnologias, para época contemporânea); teorias da arte e os fenômenos de representação (incluindo, por esse último, as contribuições da história das mentalidades);*
- *a diversidade de usos do digital para a mediação cultural, da documentação do patrimônio aos diferentes modos de valorização.*

Competências

As instituições patrimoniais (museus, bibliotecas, arquivos, monumentos históricos e grandes sítios patrimoniais), bem como as agências de serviços no campo da cultura e do patrimônio precisam de mediador/mediadora cultural tendo uma dupla competência: conhecimentos fundamentais em ciências humanas e sociais; uma sólida formação teórica e aplicada às tecnologias digitais da documentação, do arquivamento, da infografia e a todos os tipos de escrituras digitais.

Atuação

Criador de programas de mediação. Gerente de projeto digital. Mediador digital. Diretor de comunicação. Diretor dos públicos. Responsável pelos estudos documentais. Assistente qualificado de conservação. Responsável pela conservação.

A proposta do Mestrado em Mediação cultural, patrimônio e digital preconiza que o mediador cultural é aquele que possui conhecimentos fundamentais em Ciências Humanas e

¹ Disponível em: <http://www.univ-paris8.fr/Master-Mediation-culturelle>. Acesso em: jun. 2015.

Sociais, bem como solidez teórica de conhecimentos das tecnologias digitais da documentação, do arquivamento e dos registros digitais.

Nessa proposta, entende-se que o mediador cultural é capaz de realizar o encontro do patrimônio com o digital, necessário nas instituições patrimoniais, de forma inventiva e inovadora, já que atua no contexto das constantes mudanças que configuram a contemporaneidade. Faz parte desse trabalho o desenvolvimento de aportes e instrumentos para visualização e disseminação da informação artística, por meio de uma devida análise dos fenômenos da representação.

Nesse sentido, e tendo em vista a ênfase dada à convergência digital, é entendido que, além de atuar como o criador de programas de mediação ou gerente de projetos digitais, o mediador cultural também pode ser o responsável por estudos ou conservação de documentos. Inferimos, portanto, que nesse caso entende-se o mediador cultural como um curador – especificamente um curador digital.

Mas se o mediador cultural é também aquele que inventa, cria, inova, ele também é produtor no universo da cultura. E se, como ator, trata a informação ou seus suportes para visualização e disseminação dos conteúdos, ele é um interventor, diferente de um transmissor, e nada tem de coadjuvante no percurso cultural. Ele protagoniza, tal como apontam Perrotti e Pieruccini (2014), junto ao público e a outros criadores, a “narrativa” da negociação de sentidos e valores da vida cultural.

❖ **Mestrado em Mediações da Cultura e dos Patrimônios - Université de Avignon²**

Apresentação

Tem como objetivo a aquisição de conhecimentos sobre as organizações, os campos, as ferramentas, os usuários dos setores da cultura e do patrimônio.

O Mestrado Mediações da Cultura e dos Patrimônios (exposições, culturas digitais, turismos) oferece pontos de referência e ferramentas para compreender a evolução das formas tradicionais como a exposição, a interpretação ou mesmo as formas de desenvolvimento, como as mediações de eventos, digitais, nômades e humanas.

A referência à Estratégia de Desenvolvimento Cultural que rege este mestrado dá guias teóricas e metodológicas, ferramentas e técnicas, permitindo o exercício de uma profissão, uma experiência e uma prática de campo apoiada em um trabalho de reflexão. Ela permite

² Disponível em: <http://www.univ-avignon.fr/fr/formations/choix/fiche/diplome/master-mediations-de-la-culture-et-du-patrimoine/presentation.html>. Acesso em: jun. 2015.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

entender as transformações da cultura graças a um laboratório reconhecido internacionalmente.

Competências

As competências a adquirir nos dois anos do mestrado Mediações da Cultura e dos Patrimônios (exposições, culturas digitais, turismos) são reunidos em quatro grupos:

- Adquirir os fundamentos para a comunicação cultural (Mestrado 1 – 1º semestre).
- Construir um projeto profissional e ferramentas de ações estratégicas (Mestrado 1 - 2º semestre).
- Avaliar, criar um projeto e programar a ação cultural (Mestrado 2 - 1º semestre).
- Realizar uma pesquisa ou ações profissionais (Mestrado 2 - 2º semestre).

Cada um desses grupos organiza uma transferência de conhecimentos (da cultura e da ação) e uma aquisição de conhecimento (domínio das ferramentas e das técnicas de mediação) nas áreas de exposição, das mídias informatizadas, da museologia e da avaliação.

Atuação

O Mestrado Mediações da cultura e dos Patrimônios (exposições, culturas digitais, turismos) prepara para as funções de: Programação, cenarização, implementação, gestão e avaliação de dispositivos de mediação.

De acordo com a proposta do Mestrado em Mediações da cultura e dos patrimônios, o mestre mediador cultural deve ser conhecedor dos fundamentos da comunicação cultural, capaz de desenvolver ferramentas de ações estratégicas, bem como de criar programas e gerenciar projetos de mediações.

O mediador cultural, nessa perspectiva, é aquele que adquire e aplica o seu conhecimento do público, das organizações e das ferramentas do campo da cultura. Seu trabalho reflexivo e de pesquisa deve incidir sobre a compreensão das dinâmicas na área de exposições, das mídias informatizadas da museologia e da avaliação. O foco dessa proposta é preparar para as funções de programação, cenarização, implementação, gestão e avaliação de dispositivos de mediação.

Portanto, entendemos que nesse caso o mediador cultural é um participante das dinâmicas culturais que reflete seu contexto, como também o avalia para a proposição de

ações.

❖ **Licenciatura de Mediação Cultural: concepção e implementação de projetos culturais - Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3³**

Apresentação

O grau destina-se a preparar os estudantes para as carreiras de mediação cultural, principalmente a concepção e a organização de eventos, em festivais, centros culturais, coletividades locais, teatros, museus e todas as estruturas que trabalham no campo da cultura.

Para atender as exigências ao mesmo tempo teóricas, técnicas e profissionais, a licenciatura de Mediação Cultural propõe em primeiro uma consolidação da cultura geral: introdução à sociologia, história cultural, análise de mitos, história da arte, etc. Por outro lado, o estudante adquire habilidades indispensáveis para o exercício das profissões de mediação cultural: realização de pesquisa, estatísticas, introdução ao direito, economia aplicada à cultura, etc.

A língua estrangeira ensinada é predominantemente inglês cujo domínio é essencial nos setores da cultura.

O estudante tem também aulas de informática e de construção de um projeto profissional, permitindo-lhe familiarizar-se com a realidade das possíveis profissões no setor da cultura.

Competências

Os alunos têm aulas teóricas para adquirir uma sólida cultura geral literária, histórica e artística, bem como vastos conhecimentos nas áreas da sociologia da cultura;

A formação proposta está centrada em um forte conhecimento dos domínios artísticos e culturais, bem como na aquisição das ferramentas necessárias para a concepção e implementação de projetos culturais e, em última análise, para as necessárias funções de direção e gestão de instituições ou eventos culturais públicos ou privados

Atuação

Setores profissionais e empregos associados a esta licenciatura: as instituições culturais, públicas, privadas e associativas recrutam mediadores culturais, programadores e *designers* cultural para garantir missões de organização e orientação: as coletividades locais, serviços culturais, museus, teatros e outras cenas, rádio e televisão, marcas, fundações, mediatecas, editoras, galerias de arte, festivais, eventos culturais etc. Atualmente, os alunos saindo da licenciatura

encontram empregos como assistentes ou colaboradores de responsáveis pelas decisões na área cultural.

O mediador cultural, de acordo com a proposta da Licenciatura de Mediação Cultural: concepção e implementação de projetos culturais, é um conhecedor dos domínios artísticos e culturais e das ferramentas para concepção e implementação de projetos culturais.

Esse mediador cultural deve estar apto para o desenvolvimento de uma economia da cultura e da pesquisa porque tem uma sólida cultura geral literária, artística e histórica, aliada aos conhecimentos da sociologia da cultura. Por isso, o mediador cultural é o profissional requisitado para organizar e orientar as coletividades locais, serviços culturais, museus, teatros, galerias de arte, festivais, entre outros.

Dessa forma, entendemos que a proposta coloca o mediador como um consultor que colabora nas decisões da área cultural. Inferimos também que o profissional mediador é colocado na posição de gerente de projetos culturais, mas cujo conhecimento não pode estar restrito às técnicas de gerenciamento, já que os produtos culturais a serem desenhados e entregues são dinâmicos por estarem imbricados no percurso e nos diálogos socioculturais.

❖ **Especialização em Mediação em Arte, Cultura e Educação - Escola Guignard da UEMG⁴**

Apresentação

Capacitar profissionais das mais diferentes áreas, através de uma perspectiva interdisciplinar, para a formulação, planejamento, execução e avaliação de projetos e ações de mediação.

Competências

Formação de profissionais capacitados para atuar na interface entre arte, cultura e educação. À medida que a integração entre esses campos passa a ocupar um lugar central nas práticas de desenvolvimento humano, organizando ações que buscam promover a cidadania, a memória e as transformações sociais, abrem-se novas perspectivas de trabalho e de investigação.

Atuação

Amparadas por uma série de documentos legais e programas oficiais – Plano Nacional de Cultura, Programa Mais Cultura nas Escolas, Parâmetros Curriculares Nacionais em Arte, Plano Nacional de

⁴ Disponível em: http://www.uemg.br/pos_unidades.php. Acesso em: jun. 2015.

Educação Museu, etc. – as oportunidades de mediação estão em toda parte: escolas, museus, centros culturais, ONGs, Conselhos Municipais de Cultura, entidades e programas ligados à preservação do Patrimônio Histórico e Cultural e à diversidade cultural, etc.

A especialização em Mediação em Arte Cultura e Educação - Escola Guignard-UEMG concebe o mediador cultural como aquele que atua na interface entre arte, cultura e educação, considerando que estes campos integrados ocupam centralidade em práticas que visam o desenvolvimento humano.

Tal desenvolvimento requer ações que viabilizem a cidadania, a memória e as transformações sociais. A formulação, o planejamento, a execução e avaliação de projetos e as ações de mediação cultural – em escolas, museus, centros culturais, entidades e programas ligados à preservação do patrimônio histórico e cultural, entre outros - são esperadas do mediador cultural.

O mediador cultural que a proposta apresenta é, portanto, um ator social que elabora conexões necessárias entre elementos da vida social, colaborando para o desenvolvimento humano, pois favorece a comunicabilidade e a negociação de significados, sentidos, saberes e expressões culturais.

❖ **Especialização em Mediação cultural – UFPE⁵**

Apresentação

Formar profissionais para a mediação e conseqüente introdução de usuários de informação e cultura nas diversas linguagens e propostas culturais.

Competências

Profissionais habilitados e que tenham condições de interagir com os diversos públicos, na medida em que esses devem se apropriar dos bens culturais e da informação que gera conhecimentos. A mediação é caracterizada, assim, como um dos fundamentos para a circulação de informação e cultura na sociedade do conhecimento, no sentido de despertar o interesse e tornar viável a interação, a discussão e a crítica cultural.

Atuação

5 Disponível em: http://www.dci.ufpe.br/index.php?option=com_content&view=article&id=303:curso-de-especializacao-em-mediacao-cultural-pos-graduacao-lato-sensu&catid=2&Itemid=122. Acesso em: jun. 2015.

[Não há menção sobre atuação].

Para o curso de especialização em Mediação cultural da UFPE, o mediador cultural é aquele que torna viável a interação, a discussão e a crítica cultural porque introduz públicos nas linguagens e propostas culturais, como copartícipe do processo de apropriação e de protagonismo cultural.

Nessa perspectiva, a mediação e o mediador cultural são imprescindíveis à dinâmica, democratização e apropriação dos saberes, bens e circuitos culturais pelos variados públicos. O mediador cultural é, portanto, um elemento da comunicabilidade dos acervos, tangíveis e intangíveis, das linguagens e expressões culturais e interage com protagonistas culturais em processos de criação de conhecimento e cultura.

❖ **Bacharelado em Letras – Artes e Mediação Cultural da UNILA (Paraná)⁶**

Apresentação

Formação disciplinar na área de linguística, literatura e tradução no campo das artes visuais e da performance, a fim de propor um novo perfil de egresso que contemple a contemporaneidade dada pelo dinamismo entre diferentes suportes da arte.

Da escritura à oralidade e do drama às culturas digitais, o curso oferece ao bacharel em Letras conhecimentos do campo visual para favorecer, além dos campos de pesquisa em literatura, linguística e tradução, o perfil inédito de um mediador cultural.

Tem o objetivo de promover a reflexão crítica do pensamento latino-americano sem deixar de lado tanto as genealogias da arte e da literatura, como as políticas linguísticas, a fim de alcançar a inclusão de minorias, considerando as assimetrias impostas.

Competências

A perspectiva cultural de descolonização da mente propõe outras possíveis racionalidades e tramas sociais da linguagem. O enfoque no presente e nas comarcas culturais, com suas dinâmicas e negociações, visa discutir a heterogeneidade dos saberes. Imagem, corpo, voz e memória incidem no território político-social para traduzir e criar demandas comunitárias.

O egresso deverá ser capaz de incidir sobre tais processos sociais através da gestão (mediação) cultural e/ou através da reflexão e

produção acadêmica, com a possibilidade de inserção em diferentes cursos de pós-graduação.

Atuação

Em territórios marcados pela assimetria cultural, suas áreas de atuação serão, portanto, a de configurar as políticas culturais e linguísticas públicas (bibliotecas, museus, associações comunitárias, etc) e privadas (ONGs, empresas) que permitam desocultar, ativar e cultivar o saber das línguas e das linguagens na conquista de espaços de convivialidade e humanismo.

O Bacharelado em Letras – Artes e Mediação cultural da UNILA preconiza que o mediador cultural é aquele que se reflete em processos de “descolonização da mente” e, portanto, compreende outras racionalidades e tramas sociais da linguagem. O mediador cultural, nessa proposta, é aquele que “desoculta” e cultiva os saberes da língua e da linguagem numa perspectiva humanística e de convivialidade.

A proposta objetiva o alcance da inclusão de minorias com o aporte da reflexão crítica do pensamento latino-americano e os conhecimentos do campo visual, da literatura, linguística e tradução que o mediador deve colocar em ação. Além disso, expõe seu enfoque na contemporaneidade e comarcas culturais que demandam negociações.

Por isso, compreendemos, o mediador está descrito como um negociador cultural. Inferimos que esse negociador valoriza e viabiliza a dialogia. Sua ação e intervenção - por meio de dispositivos - sobre textos, acervos, e sobre os repertórios humanos e culturais, o caracteriza.

Nessa proposta, chama a atenção a referência à atuação em territórios marcados por “assimetrias culturais”, ou seja, compreende-se a mediação – e o mediador – como instância afirmativa, capaz de “ler” os contextos em que se insere e, a partir daí, atuar no sentido de superação de obstáculos à apropriação, bem como aos diálogos culturais. De acordo com as descrições das propostas, reconhece-se, portanto, a importância de estabelecimento de nexos entre métodos e recursos disponibilizados e os contextos e sujeitos que com eles se vincularão.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos orientadores estudados - as diretrizes – ao destacarem a dimensão pedagógica da profissão de bibliotecário mostram-no como um mediador cultural em uma de

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP

suas facetas. No entanto, ele é apresentado como aquele que planeja e regula, visando à aprendizagem de saberes e produtos culturais estabelecidos, como a informação. Nesse sentido, é um educador, obviamente. Porém, entendemos que esse educador é prescrito nos documentos estudados como aquele que deve desenvolver competências profissionais para o controle dos fluxos dos saberes e bens simbólicos, visando a difusão e o acesso cultural e não a apropriação cultural.

Também uma dimensão comunicativa da mediação cultural pode ser vista nos documentos orientadores quando apresentam o bibliotecário como um tradutor e um intermediário sensível à interculturalidade. Contudo, embora esteja subentendido que ser um intermediário ativo signifique atuar como e com protagonistas, a finalidade de sua intervenção precisa ser clarificada para compreendermos se o mediador cultural bibliotecário está respondendo à demanda social da profissão. Apenas traduzir os saberes, objetos e dispositivos culturais para um público coloca esse público na condição de consumidor de cultura e não na de protagonista cultural.

Portanto, somos levados a questionar tanto o bibliotecário como um controlador como quanto difusor cultural, se considerarmos objetivos de apropriação cultural. O bibliotecário reconhecido e formado como um mediador cultural, comprometido com a apropriação e o protagonismo culturais, é um desafio emergente e aponta para a reconfiguração de textos orientadores e diretrizes para a formação em Biblioteconomia.

Procedimentos, técnicas, modos de fazer e instrumentos só ganham valor em relação aos quadros culturais em que se inserem e às perspectivas que representam. Por isso, é preciso que a formação prepare os profissionais para a “leitura cultural” de seus contextos e suas ferramentas profissionais, pois elas não são neutras, são dispositivos e, enquanto tal carregam intenções, direções, modos de perceber, de representar e de atuar no mundo.

Nesse sentido, os programas de formação em mediação cultural estudados, em que pese distinções de várias naturezas, deixam clara a percepção de que a mediação não é apenas uma operação técnico-especializada. Ela é, antes, um ato de interlocução a favor de diálogos culturais, em contextos e situações objetivas que necessitam ser “lidas” adequadamente pelos mediadores. Trata-se, portanto, de ação específica e especializada, envolvendo relações entre sujeitos e culturas, dimensão que implica conhecimentos tanto do primeiro como do segundo termo, além de conhecimentos especializados próprios de seu fazer, envolvendo questões de gestão, implementação e avaliação de projetos culturais.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

O mediador cultural é um protagonista cultural, que atua negociando sentidos, realizando tarefas e propondo ações que viabilizam a apropriação e o protagonismo cultural dele e de indivíduos, grupos e coletividades. Seus fazeres compreendem certamente planejamento e gerenciamento de projetos culturais, mas baseados na dialogia com outros protagonistas, para que se estabeleça a comunicabilidade entre acervos, tangíveis e intangíveis, repertórios humanos e os protagonistas da cultura. Seus saberes incluem e focalizam conhecimentos em Ciências Humanas, Sociais, da Informação e da Comunicação, Sociologia e História da cultura; Linguagens artísticas; Políticas, Economia e Organização da Cultura; Gerenciamento de projetos, bem como teorias e aplicações de tecnologias de Organização da informação e da memória, dentre outros.

Portanto, temos o desafio de reavaliar e requalificar as propostas de formação de bibliotecários se entendermos que ele é um mediador cultural. No entanto, o desafio que precede todos os outros é o de refletir, discutir, teorizar e explicitar os conceitos de mediação cultural e de apropriação cultural na Biblioteconomia e no campo da Ciência da Informação, utilizando processos, ferramentas, métodos próprios e específicos da área. Trata-se, pois, de estar atento tanto às mediações “explícitas” como às “implícitas”, referidas por Almeida Júnior (2009). Desse modo, talvez seja possível compatibilizar, nas formações, demanda social e legitimação profissional do bibliotecário como mediador cultural.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Mediação da informação e múltiplas linguagens. Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação, Brasília, v. 2, n.1, p.89-103, jan./dez. 2009. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/17/39>> Acesso em: 09 jan. 2014.

ALMEIDA JUNIOR, O. F. Formação, formatação: profissionais da informação produzidos em série. In: VALENTIM, M. L. P. (Org.). Formação do profissional da informação. São Paulo: Polis, 2002. p. 133-148.

BRASIL. Lei nº 4.084/1962, de 30 de junho de 1962. Dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília/DF, 2 jul. 1962.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação. Homologação do Parecer CNE/CES n. 492/2001. Brasília, DF, 04 jul. 2001a.

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de: filosofia, história, geografia, serviço social, comunicação social, ciências sociais, letras, biblioteconomia, arquivologia e museologia. Brasília, DF, 2001b.

BRASIL. Resolução n. 19, de 13 de março de 2002. Estabelece as Diretrizes Curriculares para os cursos de Biblioteconomia. Diário Oficial da União, Brasília/DF, 9 abr. 2002b. Seção 1, p.34.

CANCLINI, N. G. Diferentes, desiguais e desconectados. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

CASTRO, C. A. História da Biblioteconomia brasileira. Brasília: Thesaurus Editora, 2000.

CORONA, B., S.; PÉREZ DANIEL, M. R. Entre voces - entre culturas: la autoría dialógica hacia la participación en el espacio público”. In: Interculturalidades en educación. Centro de Cooperación regional para la educación de adultos en América Latina y el Caribe, Patzcuaro, México. p.15-19 sep./dic. 2009 (Decisio, n. 24).

IFLA. Manifiesto IFLA por la biblioteca multicultural. 2008. Disponível em:
<<http://archive.ifla.org/VII/s32/pub/MulticulturalLibraryManifesto-es.pdf>> Acesso em: 20 ago. 2011.

IFLA/UNESCO. Manifiesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar. IFLA, 1999.

IFLA/UNESCO. Manifiesto IFLA/UNESCO sobre bibliotecas públicas. IFLA, 1994.

IFLA/UNESCO. Manifiesto IFLA / UNESCO por la biblioteca multicultural. IFLA, 2009.

OLIVEIRA, A. L. A negociação cultural: novas referências para a mediação e a apropriação da cultura escrita. 2014. 220f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

PERROTTI, E; PIERUCCINI, I. A mediação cultural como categoria autônoma. Informação & Informação, [S.l.], v. 19, n. 2, p.01-22, out. 2014. Disponível em:
<<http://www.uel.br/revistas/wrevojs246/index.php/informacao/article/view/19992>>. Acesso em: 03 nov. 2015.

SOUZA, F. C. de. O ensino de Biblioteconomia no contexto brasileiro: século XX. 2. Ed. Florianópolis: UFSC, 2009.

SOUZA, F. C. de. A formação acadêmica de bibliotecários e cientistas da informação e sua visibilidade, identidade e reconhecimento social no Brasil. Informação & Sociedade: Estudos, João Pessoa, v. 16, n. 1, p. 32-46, jan./jun. 2006.